



Jáder de Carvalho e o Nordeste: literatura, jornalismo e região

MACEDO, Fernando César de. **Jáder de Carvalho e o Nordeste: literatura, jornalismo e região**. Foz de Iguaçu: EdUECE, 2019. 340p.

Guilherme Carneiro Leão de Albuquerque Lopes

Doutorando em Desenvolvimento Econômico, Instituto de Economia / Universidade Estadual de Campinas (IE/UNICAMP)

Em tempos de obscurantismo à ciência, repressão à oposição política e discursos e práticas carregadas de ódio, Fernando Macedo nos presenteia com um rico material de resgate literário, político, econômico, histórico e bibliográfico sobre o renegado, ante à seletiva memória conservadora brasileira, Jáder Moreira de Carvalho (1901-1985).

Ao rememorar o esquecido cearense nascido em Quixadá, um sociólogo de poucas obras, professor sem grande espaço na academia, escritor marginalizado no campo literário (somente reconhecido e premiado por suas poesias), um militante comunista perseguido pelo aparato policial do Estado Novo (1937-1945), pelos adversários integralistas e pelas próprias lideranças do Partido Comunista Brasileiro (PCB), político de minguidos votos e seguidas derrotas nas eleições, advogado por necessidade de sobrevivência e jornalista de média circulação, Fernando Macedo transcorre sobre os problemas do capitalismo em um país subdesenvolvido, periférico e dependente, cuja contradição e antagonismo do próprio modelo de desenvolvimento se reverbera de forma mais cruel e violenta nos estratos de mais baixa renda, especialmente nas regiões periféricas de um país periférico.

Assim, ao ler e conhecer sobre Jáder de Carvalho, não existem dúvidas da tarefa histórica que se coloca adiante: a necessidade de se lutar por uma mídia livre, pela

ciência, pelo ensino de história, sociologia e filosofia, pela liberdade de cátedra dos professores em sala de aula, de combater as injustiças históricas contra o povo, de denunciar falsos profetas míticos, de não calar diante da elite de rapina e do enriquecimento ilícito, de lutar contra a seletividade do sistema judiciário, assuntos já enfrentados por Jáder em sua ânsia na produção de um projeto progressista, popular e nacionalista para o Brasil, o que o torna tão atual e sua leitura de tamanha relevância.

O livro está estruturado em cinco capítulos que demonstram as várias facetas do escritor, poeta, cronista, romancista, sociólogo, professor, jornalista, advogado e militante político. Vale informar ao leitor que, em si, o livro não é obra biográfica, mas, à luz da obra do autor estudado, um trabalho denunciativo das marcas do passado que permanecem presas às estruturas econômicas, políticas e sociais do presente, especialmente no Nordeste.

No primeiro capítulo somos introduzidos à figura do jornalista. Foi como jornalista que Jáder teve maior reconhecimento local e nacional, trabalhando no ramo desde os tempos de garoto com seu pai. Praticando o jornalismo investigativo e político, ele conduzia a linha editorial de maneira denunciativa e independente em três dos jornais em que trabalhou ou de que foi dono. Dessa maneira, tecia duras críticas às esferas de poder no Ceará e no Brasil. Os principais alvos de suas linhas eram aqueles que ele identificava como representantes das oligarquias rurais da República Velha; do mandonismo local e perpetuadores da conservadora e excludente estrutura econômica e política, como o governador Moreira da Rocha, a Liga Eleitoral Católica (LEC), a figura pessoal do Padre Cícero, o alto clero, os integralistas e os grandes fazendeiros latifundiários do Sertão cearense.

No segundo capítulo, amplamente respaldado em pesquisa primária, temos a trajetória política de Jáder e o que há de mais pessoal sobre ele neste livro, onde se ressalta a personalidade forte, a psique inquieta, irônica, nervosa, egocêntrica, transformadora, contraditória e até autoritária dele, em meio ao processo de revolução das estruturas políticas, sociais e econômicas do país nos anos 1930, mas que a nível estadual foi suplantada pelos integralistas e pelo trabalho de base da LEC, fortemente conservador, oligárquico e tradicionalista. Era um Ceará avesso aos ventos da Revolução de 1930 que sopravam no Centro-Sul do país. Contra esses setores arcaicos travou suas maiores batalhas e teve suas piores derrotas, sendo censurado como jornalista, ignorado como candidato a deputado, perseguido e preso como militante político. Sua prisão inclusive é até hoje um dos piores exemplos da seletividade judicial cearense e do Estado Novo, quando condenado a incríveis 27 anos de prisão sob o mando de um promotor integralista. E não só contra os integralistas travava sua batalha pessoal e política, política e pessoal. Foi alvo também dos comunistas ligados ao PCB, acusado de erro de direcionamento tático ao se posicionar contra a igreja católica e ser um pequeno-burguês incompatível com o discurso de levante do proletariado.

Mantinha sua posição de classe média e o discurso de inflame das massas ante as forças reacionárias, posição julgada incoerente pelos líderes do PCB, de modo que as constantes desavenças entre Jäder e os membros do PCB acabaram por desvencilhá-lo do partido. O afastamento de Jäder provinha também de divergência ideológica acerca do que era povo para os líderes do partidão e para ele. Bebendo de Nelson Werneck Sodré, o cearense acreditava que por povo podia ser entendido todo aquele dotado de ações, práticas e ideais nacionalistas, da elite aos serviçais, da classe média ao proletariado; e, por contraposição, aqueles ligados ao capital internacional e aos interesses estrangeiros podiam ser considerados inimigos do povo e da nação. E foi até contra o próprio povo que o orgulhoso Jäder de Carvalho se posicionou em alguns momentos, por culpá-lo por suas derrotas eleitorais, visto a escolha por políticos representantes do continuísmo e das velhas estruturas vigentes. Por conta de tantas disputas, brigas e indisposições, contra tudo e contra todos, o colecionador de derrotas, em um misto de mágoa e desilusão, esmaeceu, principalmente após o fechamento do seu principal jornal, o *Diário do Povo*, em 1961, e se afastou da mídia e da política, refugiando-se na poesia lírica.

No terceiro capítulo temos um contato diferente do múltiplo Jäder de Carvalho. Aqui somos apresentados ao cronista, sem deixar de ser, também, dentro desses curtos escritos, o jornalista, o militante, o professor de história e sociologia, o ensaísta, entre outros. É nas crônicas onde temos o ponto de encontro entre suas duas paixões profissionais: a literatura e o jornalismo. Nessas crônicas temos desde os pequenos problemas cotidianos em Fortaleza até às grandes questões colocadas para a ciência e a sociedade dentro daquela quadra histórica. Coloquiais ou não, formadores de opinião ou não, verborrágicos ou não, políticos ou não, complexos e científicos ou cotidianos e triviais, realistas ou imaginativos, sobre o litoral ou o sertão, somos apresentados, por meio das crônicas, aos dilemas, desafios e percepções da sociedade daquela época. Pequenos textos escritos a partir da vivência, realidade e compreensão de mundo aos olhos do cronista, que ajudam a entender as histórias do Ceará, do Nordeste e do Brasil de seu tempo.

No quarto capítulo somos apresentados ao ensaísta, sociólogo e professor de história e sociologia do colégio Liceu do Ceará. De maneira mais rigorosa, sob os auspícios do academicismo científico, temos Jäder tratando de temas como a concentração de terras nas mãos dos latifundiários e, embebedado pelo contexto da época, de grandes intérpretes como Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr. sobre a formação nacional. Além das “questões nacionais”, escreveu também sobre os problemas internacionais de natureza quase que antropológica e geopolítica, como ao tratar do povo Judeu e a questão da terra para eles, alguns anos antes da criação do Estado de Israel. E adentrou nos debates de natureza mais teórica e metodológica, como a questão demográfica à luz da teoria malthusiana da escassez de alimentos pelo crescimento populacional, tecendo-lhe críticas. Elemento em comum em todos esses textos, apesar de temas

divergentes, é a preocupação com o povo, seja este o povo indígena, cearense, nordestino, brasileiro ou judeu. Acima de tudo, era a admiração de Jáder pelos povos, especialmente aos mais oprimidos, e o amor por todas as terras que movia os ensaios, crônicas, teses, livros e poesias do autor cearense.

No quinto capítulo, temos a apresentação das obras de Jáder de Carvalho por meio da análise do quadro social, econômico e político brasileiro, através de seus seis romances publicados entre 1937 e 1963. Junto com a revolução de 1930 vinha também a manutenção de arcaicas estruturas, como buscava denunciar Jáder em suas obras. A modernização e o avanço da estrutura capitalista de produção serviam somente à parte da população (a elite econômica) e do país (Centro-Sul), enquanto no Norte/Nordeste predominavam formas ainda pré-capitalistas de produção, mas funcionais ao novo ciclo moderno de acumulação que se postava. O capitalismo brasileiro se construía por meio dessa metamorfose dialética do atrasado/moderno, operada em uma mesma totalidade, na qual o “moderno” e o “arcaico” são partes do mesmo processo de crescimento capitalista, estando nele dialeticamente imbricados, de modo que o atrasado existe em função do moderno e vice-versa. As heterogeneidades sociais e econômicas que permeiam e constituem o capitalismo brasileiro, tão bem compreendidas e denunciadas por Jáder, ganharam forte expressão nos seus romances de “realismo social”, como em *Classe Média* (1937), *Doutor Geraldo* (1937), *Sua Majestade, o Juiz* (1961) e *Aldeota* (1963).

Por fim, como crítica pontual, o autor do livro não tem tanta preocupação com a vida pessoal de Jáder, sob a justificativa de que seu foco de interesse não é o sujeito, mas seus escritos, seus livros, as crônicas, as obras sociológicas, o que ele escreveu e como isso se relaciona com sua ação política, profissional e seu espaço geográfico, social e econômico de atuação. Entretanto, seria proveitoso que fossem dedicadas algumas páginas ou mesmo uma construção da linha do tempo da vida de Jáder a fim de facilitar a compreensão por parte do leitor. Mas, não é por isso que o livro deixa de ser primoroso, num país marcado pelo esquecimento da violência que marca sua origem e formação, Fernando Macedo adentra no desconhecido mundo de Jáder para realizar, nessa obra, uma disputa pela construção da memória nacional e pelo resgate de grandes personagens brasileiros. E por meio desse resgate, o holístico Jáder de Carvalho se faz presente. Se vivo, estaria encabeçando as fileiras da resistência. Graças ao trabalho de reconstrução da memória empenhado por Fernando Macedo.

Endereço para correspondência:

Guilherme Carneiro Leão de Albuquerque Lopes – guilherme.cl.lopes@gmail.com
Rua Pitágoras, 353 – Barão Geraldo
13083-857 Campinas/SP, Brasil